

“O que envelhece uma pessoa não é a quantidade de anos que tem, mas a falta de causa”*

Priscila Pazos

[Fisioterapeuta/SMS Maricá. Doutoranda da Ensp/Fiocruz]

Antes de começar a escrever este texto, chamo você à seguinte reflexão:

o envelhecimento das brasileiras e dos brasileiros é um desafio de todas as idades, portanto, um desafio de todos nós. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em sua última pesquisa em julho de 2022, as pessoas idosas representam atualmente 15% da população brasileira, com projeção de crescimento para 30% até 2050. Nesse cenário, independente da sua idade, você já parou para pensar nos desafios de termos uma população idosa? Será que estamos envelhecendo bem? O envelhecimento se inicia com o nascimento e se dá ao longo de toda a vida, sendo fortemente marcado pela chegada dos “tais 60 anos”, idade geralmente convencionada por diversas organizações nacionais e internacionais de saúde como a chegada da velhice. Por outro lado, a definição de velhice além de um simples limiar de idade cronológica é importante para que haja uma organização da sociedade no tocante às políticas públicas e aos direitos para a pessoa idosa. Portanto, pensar no envelhecimento e na velhice da população requer uma ampliação do nosso olhar diante das adversidades inerentes a esse processo.

O envelhecimento e a velhice estão ancorados numa perspectiva social, que reproduz diferentes modos de viver a vida. Nessa trajetória de influências, as questões sociais e econômicas, de gênero e raça e os momentos políticos e históricos em nosso país interferem na produção de diferentes velhices brasileiras. Dado que nossa população é, em grande parte, carente de recursos sociais e financeiros, todas essas questões fazem com que boa parte dos brasileiros envelheça mal e com adoecimentos, influenciando os preconceitos contra a pessoa idosa. Será que a velhice é um momento de descarte dos sujeitos? O idadismo, ou seja, o preconceito relacionado à idade cronológica, faz com que as pessoas sejam categorizadas e divididas, causando-lhes prejuízos, desvantagens, injustiças e a ampliação das violências físicas e emocionais. Essa situação que ocorre no dia a dia e, muitas vezes, é invisibilizada ou normalizada pela sociedade, tornou-se amplamente desvelada com a pandemia. Exemplos são as falas frequentes em discursos políticos: *“já está velho mesmo”, “já vai morrer, por que ocupar um leito?”*, *“vacinar primeiro o idoso está errado, não concordo”* ou até mesmo nas redes sociais com os memes *“cata velho”* e *“vendo gaiola para velhos teimosos”*.

Esses discursos idadistas foram e são tão frequentes na nossa sociedade, que até os próprios idosos nas filas para vacinação da COVID, por exemplo, reproduziam esse preconceito e estigmas através de uma auto-comparação com frases do tipo *“ele tem a mesma idade que eu, mas está mais acabado!”*, *“só vejo velhos e velhas doentes”*.

É claro que não podemos romantizar uma velhice perfeita e, por isso, não podemos descartar o envelhecimento biológico que pode influenciar a qualidade de vida. Por sua vez, não podemos negar o quanto o acesso mais igualitário a melhores condições de vida pode facilitar com que as pessoas tenham uma trajetória de envelhecimento com mais saúde e, principalmente, com melhores oportunidades. Mais uma vez precisamos olhar para esse aumento da expectativa de vida de forma crítica. Será que envelhecer e chegar à velhice deve ser um marco de sofrimento?

Os desafios são muitos e podemos aqui citá-los como político, econômico, cultural e de saúde.

É necessário que haja um desbravamento para todos esses cenários para os próximos anos.

Diante dos fatos abordados e inquietações levantadas, termino este texto afirmando que a pessoa idosa deve ter o direito de ser um sujeito vivo e ativo e, principalmente, de se sentir mais gente como a gente.

■ ■ ■

* Trecho - Discurso da vitória - Luiz Inácio Lula da Silva, 77 anos, presidente eleito do Brasil 2022

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.